

Consciência torpe

Mais uma vez o Governo se vê obrigado a desmentir notícias sobre iminente decretação de medidas econômicas drásticas, entre as quais figuram, com provocadora insistência, o congelamento de preços e a redução dos rendimentos da caderneta de poupança. São boatos postos a circular, sempre aos finais de semana, por agentes notórios da especulação, a fim de beneficiarem-se do realinhamento anormal dos preços. Esta semana a boataria incluiu uma versão altamente perniciosa ao sistema financeiro e à remuneração dos pequenos ativos investidos, assim também aos negócios de maneira geral, segundo a qual o Governo surpreenderia o mercado com a decretação da moratória interna.

Já se disse centenas de vezes que a inflação brasileira não se nutre apenas do alargamento imoderado da base monetária, da criação descontrolada de meios paralelos de pagamento ou da elevação da capacidade aquisitiva da massa salarial, nas duas primeiras hipóteses à força das ações governamentais para suprir os gastos babilônicos da máquina estatal e, na última, em função de uma suposta política de distribuição de rendas. Quanto aos rendimentos do trabalho, desde logo advirta-se que, em nenhuma ocasião, contribuíram para a aceleração inflacionária, principalmente agora, quando se encontram abaixo da expansão dos preços gerais da economia. Tanto que a coerção dos salários como instrumento de política monetária, tentada ao longo dos últimos cinquenta anos para desestabilizar a inflação, sempre acabou em completo malogro.

A componente especulativa da inflação brasileira é qualquer coisa de espantoso. As estimativas sobre o crescimento futuro dos preços provocam, sistematicamente, reavaliações mercadológicas de gravíssimos efeitos inflacionários. Antecipam-se para o presente os custos que, em cálculos aleatórios e grosseiros, deveriam agravar os preços no nível do consumo em fase posterior, como se a inflação fosse uma fatalidade irremissível. É a chamada inflação inercial, que se ceva em condimentos psicológicos e, dessa forma, exibe a mais trágica feição do descontrole nas relações econômicas.

Contudo, a especulação na sua forma mais rasteira e, por isso mesmo, mais fúnesta, responde em parte substancial para o incremento inflacionário. Sob a proteção de uma anomalia econômica que vitima a vida do País, os aproveitadores elevam os preços na dimensão de suas ambições, indiferentes à ruína que causam e certos de que a falência das instituições econômicas não os atingirá. É dessa consciência torpe que nascem os boatos sobre alterações nos mecanismos de condução da política econômico-financeira.

Se o Governo não pode identificar os fomentadores da boataria, por certo está investido de prerrogativas legais para combater a especulação. Em qualquer sistema econômico, capitalista ou de planejamento central, os especuladores são vigiados e punidos com todo o rigor. Não há razão, pois, para serem impunes aqui em função de uma fidelidade excessiva aos cânones da economia de mercado.